

OS MIGRANTES HAITIANOS E A INSERÇÃO SOCIAL NO MUNICÍPIO DE CASCAVEL/PR

Carmem Aparecida Manica
carmem.manica@gmail.com
Mestranda em Ciências Sociais/ Unioeste
CAPES
Eric Gustavo Cardin
eric_cardin@hotmail.com
Pós-doutor em Antropologia Social/ Unioeste

Resumo: Segundo dados do Ministério da Justiça do Brasil, cerca de 30.000 haitianos ingressaram no país a partir do ano 2010, o que garantiu uma grande visibilidade para o fluxo migratório e para a própria história do Haiti. Neste contexto, a “questão haitiana” foi vastamente noticiada e também analisada no interior das universidades brasileiras. Esta pesquisa em particular, buscou refletir sobre o processo de inserção destes migrantes no país, mais especificamente na cidade de Cascavel/PR, onde vivem aproximadamente 3 mil haitianos. O objetivo foi analisar algumas perspectivas, percepções e estratégias dos migrantes referentes a este processo de inserção social na cidade. Para tanto, foi utilizado uma abordagem qualitativa, onde se destaca as observações diretas desenvolvidas no campo de pesquisa e também as entrevistas semiestruturadas realizadas com o intuito de produzir fontes orais. Estas observações e as entrevistas realizadas durante o caminho percorrido da pesquisa, despertaram o interesse para o objetivo mais específico desse estudo, que é a necessidade de discutir e analisar as aproximações sociais, culturais e religiosas destes migrantes, com o intuito de perceber a existência ou não de vínculos com o país de origem, bem como analisar as novas reconfigurações sociais, culturais e religiosas. Assim, o estudo nos possibilitou pensar a inserção para além do universo laboral e refletir sobre a importância das múltiplas configurações das redes sociais para os fluxos migratórios.

Palavras-chaves: Migração; Haiti; Inserção Social.

INTRODUÇÃO

Desde a sua origem, o homem migra. No início a pé ou de barco, depois utilizando os meios de transporte mais modernos, motivado por razões de sobrevivência, climáticas, políticas, econômicas ou religiosas ou até mesmo por simples curiosidade. O fato é que o homem migra desde tempos imemoriais e continua migrando até os dias atuais. Neste sentido, Cardin esclarece que o fenômeno da migração diz respeito ao “movimento de pessoas, grupos, comunidades ou povos de um lugar para o outro”, destacando que “migrar é mudar, de um país para outro ou até mesmo entre as regiões de uma mesma nação” (Cardin 2012: 48).

Na contemporaneidade, o Brasil se apresenta como um dos destinos dos fluxos migratórios, entre eles a dos migrantes haitianos. A migração haitiana não constitui um fenômeno novo. Historicamente, migrar é uma prática comum entre os haitianos, levando em consideração que uma grande parcela desta população já migrou ou possuem migrantes no interior de seus núcleos familiares. No Brasil, os haitianos começaram a chegar de maneira mais intensa após o terremoto de magnitude 7 na escala Richter que ocorreu na capital do Haiti, em 12 de janeiro de 2010. Desde então, segundo dados do Ministério do Trabalho e Educação, cerca de 30.000 haitianos ingressaram no país até setembro de 2014, sendo que cidades como Manaus, Tabatinga, Curitiba, São Paulo e Cascavel, são alguns dos destinos mais escolhidos pelos migrantes. Do início de 2010 a março de 2012, constatou-se um fluxo de aproximadamente 4 mil migrantes haitianos na região Norte (Acre e Amazonas). Especificamente a cidade de Tabatinga (Amazonas), recebeu 3 mil desses migrantes, número semelhante a população que migrou para o município de Cascavel (Paraná) no mesmo período.

Segundo Marandola, migrar é sair do seu lugar, resultando em um processo de redefinições, o que implica para o migrante sair de um território de segurança e lançar-se no mundo, em lugares de pouca ou nenhuma familiaridade, onde há pouco ou nenhum controle. (Marandola 2008) Nessa perspectiva, abordar o fluxo migratório haitiano, implica abordar o sujeito que migra, tendo em vista que o objetivo desta pesquisa é analisar algumas perspectivas, percepções e estratégias dos migrantes referentes ao processo de inserção social, cultural e religiosa na cidade de Cascavel-Paraná. Além problematizar sobre as formas de aproximações sociais, culturais e religiosas,

pretendemos analisar se existe a manutenção de vínculos com o Haiti, e se existe, como acontece essa manutenção de elementos sociais, culturais e religiosos destes sujeitos.

Metodologicamente, o recurso utilizado em um primeiro momento foi a revisão bibliográfica de diferentes pesquisadores e obras de diferentes áreas, em que analisamos aspectos relativos ao fluxo migratório haitiano para o Brasil. Utilizamos também como recurso metodológico a pesquisa do campo e a observação participante, com o objetivo de entender o universo dos migrantes residentes em Cascavel-PR, essas observações se deram principalmente nas reuniões e palestras do Fórum dos Haitianos, organizadas pela Cáritas Arquidiocesana de Cascavel. Além disso, produzimos fontes orais por meio de entrevistas qualitativas para entender a percepção do migrante sobre a migração e suas condições de inserção. Referente a essa última estratégia vale ressaltar que a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista.

No intuito de encaminhar a leitura, organizamos o texto observando o próprio caminho que foi desenvolvido durante a pesquisa realizada. Neste sentido, destacamos que primeira compreensão que se faz necessária, refere-se as motivações e os trajetos do fluxo migratório haitiano, bem como as questões jurídicas envolvidas. Em um segundo momento, discute-se o papel das redes sociais nesse deslocamento e, para finalizar, explorarmos as percepções dos migrantes haitianos sobre a inserção social, cultural e religiosa na cidade de Cascavel/Paraná

MIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL

O Haiti configura-se como uma nação que possui uma experiência única de formação de um estado de liberdade política e igualdade social nas Américas, sendo a primeira colônia europeia a conquistar a independência na América Latina, mas que devido a uma trajetória histórica, composta por instabilidade política, social, econômica e de catástrofes naturais, estimularam ondas de migrações de parte de sua população ao longo dos anos.

Depois do terremoto de 12 de janeiro de 2010, nota-se um aumento expressivo da entrada dos migrantes haitianos no Brasil. A escolha do Brasil como rota migratória,

apresenta diferentes facetas. Tais como, a situação econômica do país em 2011; a visibilidade depois da realização da Copa do Mundo de 2014; a atuação do Brasil no Haiti por meio da MINUSTAH (Missão da Nações Unidas para a Estabilização do Haiti) e a conduta do governo brasileiro após o terremoto. Neste contexto, o Brasil surgiu como um dos destinos dos migrantes, que se inicia de forma tímida após o tremor de 2010, mas se intensifica entre os anos seguintes até 2014. Segundo dados do IBGE, em 1940 viviam no Brasil 16 haitianos; em 1950: 21; em 1960: 159 e em 2010 apenas 36 haitianos. Segundo dados do Ministério do Trabalho e Educação, cerca de 30.000 haitianos ingressaram no país até setembro de 2014.

Pierre Bourdieu rejeita a visão estruturalista de uma redução objetivista em que a ação dos sujeitos está condicionada a relações de coerção, reduzindo desta forma os sujeitos a apenas partes inertes de uma estrutura determinante. (Bourdieu et al. 1990:32) Neste sentido, a motivação para a migração dos haitianos para o Brasil, não pode ser encontrada somente no discurso reducionista do terremoto, ou seja, reduzindo o fluxo migratório como consequência a causas externas, até devido ao fato de que diversos haitianos que migraram não são oriundos da cidade de Porto Príncipe, principal região afetada pelo sismo. Existem uma gama de fatores de ordem política, econômica, histórica, social e cultural que estão ligadas a decisão de migrar.

Os haitianos que chegaram ao Brasil utilizaram de diversas estratégias, no início entravam de modo irregular, com o auxílio de coites. Os acessos ao país se davam pelas cidades do Amazonas e do Acre, passando antes pelos países vizinhos do Brasil, entre eles a Argentina, Chile, Equador e Peru. Com o avanço dos fluxos migratórios, os migrantes utilizaram rotas já conhecidas, sem a utilização do auxílio dos coites, outros, no entanto, vieram diretamente para as cidades, como por exemplo a cidade de Cascavel/Paraná foco desta pesquisa, em que segundo dados do Ministério da Justiça, vivem cerca de 3 mil haitianos.

Em grande medida, após chegar ao Brasil os migrantes haitianos, necessitam regularizar a sua situação migratória. O movimento inicial tende a ser realizado por meio da tentativa de obtenção do status de refúgio. No entanto, os migrantes haitianos não são considerados refugiados por não estarem inclusos nos requisitos da Convenção de 1951, que considera refugiado aqueles que notadamente tenham alegado motivos de

perseguição. A solução encontrada pelo CNIg (Conselho Nacional de Imigração), foi conceder o visto por razões humanitárias.

Para controlar o fluxo migratório haitiano e coibir a ação dos coites, o governo brasileiro estabelece em 2012 a limitação de 100 concessões de visto por mês. Medida que trouxe problemas, como a necessidade de abrir lista de espera pelo Consulado e a superlotação do abrigo construído na cidade de Brasiléia no Acre. Para resolver a situação, em abril de 2013 o governo retira a limitação do número de vistos aos haitianos.

Não é o nosso objetivo apresentar um estudo aprofundado sobre as estratégias as motivações, nem tampouco sobre os aspectos jurídicos que envolvem os fluxo migratório haitiano para o Brasil, mas apenas demonstrar de forma sucinta a trajetória desses sujeitos que se lançaram nessa jornada, o fato é, que a migração haitiana é uma realidade para a sociedade brasileira, que passa além de emissor passa a ser na atualidade um receptor de migrantes, fenômeno que necessita da construção de novos olhares. Baeninger e Souchaud argumentam que:

Hoje a migração, em muitos casos, não é um processo linear, mas feita de desvios, retornos, idas e vindas. A multiplicação dos lugares na migração não é aleatória, constitui ou acaba formando uma estratégia na qual os espaços são considerados como recursos num recurso cumulativo. A circulação de indivíduos e de bens e informações que lhes são associados, em diferentes espaços articulados entre si, criam uma dinâmica territorial complexa. (Baeninger e Souchaud 2007: 4)

Neste sentido, Appadurai afirma que as diferentes diásporas, sejam elas migrações de pessoas de um país para outro, ou o deslocamento dos refugiados, podem transformar vidas cotidianas em novos projetos sociais (Appadurai 2004). Em grande medida, as trajetórias dos haitianos entrevistados demonstram a constante necessidade de se reinventar, seja na busca de novas ocupações e de novos espaços de sociabilidade ou na construção de novos projetos migratórios. Em certa medida, os haitianos demonstram em suas narrativas que o fluxo migratório não se encerra de maneira simples, pois ele está vinculado diretamente a conquista de um espaço que lhes garantam melhorias de vida em um sentido amplo, que não se restringe ao mercado de trabalho.

REDES SOCIAIS E INSERÇÃO SOCIAL, CULTURAL E RELIGIOSA

A necessidade de discutir mesmo que brevemente as percepções referentes as redes sociais deve-se ao fato de que percebemos na pesquisa de campo, com a observação participante e as entrevistas com os haitianos, a importância da atuação das mesmas no fluxo migratório, tanto na decisão de migrar, nos trajetos e nas estratégias utilizadas, quanto na permanência desses sujeitos na cidade de destino.

Neste sentido, partimos do pressuposto que as redes sociais podem ser definidas com um conjunto de pessoas que estão ligadas por algum laço ou tipo de relação. No caso investigado, as redes migratórias possuem objetivo de servir de alicerce para as diferentes etapas do processo migratório. (Soares 2004)

Para Massey, as redes migratórias compõem um conjunto de laços sociais que unem migrantes e não-migrantes em uma complexa teia de papéis sociais e relacionamentos interpessoais, estes mantidos por meio de um quadro informal de expectativas e comportamentos predeterminados (Massey 1990). Corroborando nesse sentido de teias, Elias afirma que:

Para ter uma visão mais detalhada desse tipo de inter-relação, podemos pensar no objeto de que deriva o conceito de rede: a rede de tecido. Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca. (Elias 1994:35)

Essa teoria preconiza que as redes nos processos migratórios constituem a interação entre o local de origem do migrante e o de destino. As redes sociais constituídas na migração são várias; podem ser solidariedades locais ou recrutadores temporários, que objetivam facilitar os deslocamentos, hospedar o migrante ou promover sua inserção no mercado de trabalho, o que demonstra a participação não só de agentes econômicos, mas também a participação de agentes sociais coletivos. Como destaca Peixoto:

O que se defende, neste caso, é que os migrantes não actuam isoladamente, nem no acto de reflexão inicial, nem na realização dos percursos concretos, nem nas formas de integração no destino. Eles estão inseridos em redes de conterrâneos, familiares ou, inclusivamente, agentes promotores da imigração (como os “engajadores”), que fornecem a informação, as escolhas disponíveis, os apoios à deslocação e à fixação definitiva. (Peixoto 2004:29).

Como já mencionamos, as redes sociais contribuem à decisão de migrar, ao deslocamento dos migrantes e à sua permanência na região de destino. As redes ajudam na redução dos riscos da migração, por nelas circularem informações importantes para os migrantes. Nesta perspectiva Portes e Böröcz afirmam que:

Redes construídas pelo movimento e contacto de pessoas através do espaço estão no centro de microestruturas que sustentam a migração ao longo do tempo. Mais do que cálculos individuais de ganho, é a inserção das pessoas nestas redes que ajuda a explicar propensões diferenciais à migração e o carácter duradouro dos fluxos migratórios. (Portes; Böröcz 1989:612)

Esta abordagem teórica ajuda a entender as estratégias utilizadas pelos migrantes haitianos e motivações na escolha do Brasil e especificamente a cidade de Cascavel/PR como destino, pois as relações pessoais e as experiências individuais, contribuem nessas escolhas. Nas entrevistas realizadas, os entrevistados, quando questionados sobre as razões da escolha da cidade de Cascavel/PR e as estratégias de deslocamento, relataram o fato de possuírem amigos ou parentes residentes na cidade. Destacamos a fala de dois entrevistados respectivamente: Dykenlove John Marcelin, 22 anos, solteiro e Adénise Jean Pierre, 34 anos, solteira.

Na verdade, tinha um primo, inclusive agora ele está morando nos Estados Unidos, mas ele morava aqui, ele pegou contato do lugar que eu estava na fronteira da Argentina com o Brasil, ligou pra mim e eu vim direto pra cá. (Narrativa n° 1– pesquisa de campo 2016)

Como eu era amiga do Jimmy Jean, porque trabalhamos na mesma escola no Haiti, e ele tinha um primo que morava aqui, e ele que me indicou aqui, e disse que ia me ajudar quando viesse pra cá. (Narrativa n° 7– pesquisa de campo 2017)

Compreende-se, assim, por meio da articulação da teoria das redes sociais e da fala dos migrantes entrevistados, a natureza das informações que antecederam a migração. Além disso, destaca-se que as escolhas realizadas não são condicionadas somente a fatores econômicos, as redes pessoais existentes ajudam na permanência desses migrantes na cidade, o que é evidenciado na fala do entrevistado Jimmy Jean, 42 anos, casado, pai de dois filhos no qual tanto os filhos e a esposa ficaram no Haiti.

Quando eu cheguei aqui tinha um primo que morava, mas ele acaba viajando para os Estados Unidos, mas fica no México, por problemas de imigração, e não pode entrar nos Estados Unidos, eu não posso ajudar. Minha família está no Haiti, moro com a Adénise que me ajuda e a prima dela. (Narrativa n° 6– pesquisa de campo 2017)

Outro fator importante que revela a extensão das redes sociais, está no volume de remessas de dinheiro enviadas para o país de origem do migrante haitiano. Conforme afirma Luís Felipe Aires Magalhães e Rosana Baeninger (2016), que utilizaram dados estatísticos da UNCTAD, entre os anos de 2005 e 2014, as remessas de migrantes

representam mais de 20% do PIB (Produto Interno Bruto) haitiano, um em cada Gourde¹, que circula no Haiti é proveniente de remessas de migrantes enviadas ao país. Dessa forma, se torna evidente a dinâmica social que envolve o fluxo migratório, envolvendo não somente os migrantes, mas também aqueles que não migram. Neste sentido, Tilly afirma que:

As redes também transformam as categorias existentes. Os emigrantes levam consigo suas identidades étnicas que se alteram no contexto de migração, nas relações com a sociedade de destino e com outros grupos de migrantes. Assim, alguns elementos de identidade do país de origem são eleitos, negociados e reconstruídos no contexto de migração. Portanto, ao invés de um “transplante” coletivo, há uma recriação seletiva de laços sociais (Tilly 1990:86).

Esta discussão revela a importância das redes sociais no fluxo migratório, enfatizando as múltiplas relações que são estabelecidas, tanto no país de origem quanto no país de destino. Na cidade de Cascavel-Paraná, identificamos que as instituições de ensino e religiosas desempenham papéis importantes de inserção dos migrantes haitianos. Conforme verificamos na fala do entrevistado Dykenlove John Marcelin, 22 anos, solteiro:

Eu estudava Teologia na Uninter, no qual me deram uma bolsa de estudos. Como o pastor da Uninter é meu amigo, e eu trabalhava em uma empresa de confecção de roupas, mas eu queria montar uma escola para ensinar língua estrangeira, junto com meu amigo Jean, mas nós não tínhamos um local para instalar a escola, conversando com o pastor sobre a situação, ele liberou uma sala na Uninter, até conseguirmos alugar uma sala, então lecionamos nessa instituição inglês e francês.

Na nossa pesquisa de campo identificamos a organização de redes de apoio aos migrantes haitianos, como, por exemplo, a Associação dos Haitianos, a Pastoral do Migrantes e a Cáritas Arquidiocesana de Cascavel, instituição que mantivemos contato durante a pesquisa de campo. A Cáritas foi criada em 1956 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), é uma das 164 organizações-membros da Rede Cáritas Internacional, com o objetivo de articular com obras sociais católicas e a distribuição do Programa de Alimentos para a Paz subsidiado pelo governo dos Estados Unidos. Atualmente está organizada em uma rede com 183 entidades-membros e atua em vários projetos sociais.

¹ Moeda nacional do Haiti, 40 gourdes equivalem a US\$ 1 dólar americano.

A Cáritas atua com ações como o Fórum dos Haitianos, que foi criado em 2016, ano em que realizou o Festival da Cultura Haitiana, além de reuniões mensais com o intuito de desenvolverem estratégias para a inserção dos migrantes haitianos. A Cáritas também atua proporcionando o ensino da língua portuguesa e cursos de artesanato. Neste sentido, Rosângela Silva Ferreira, que trabalha como pedagoga na Cáritas, no ano de 2017, a mais de nove anos, esclarece essa articulação e a importância das redes:

Nós estamos oferecendo aulas de artesanato, pra mulheres haitianas, então, o artesanato acaba por fortalecer a cultura delas com o Haiti e além dos curso, a gente também organiza as feiras de economia solidária, bem como as festas de igreja para elas colocarem os produtos delas a venda.

Os haitianos não estão morando nas ruas porque, eles se ajudam porque não existem casas de passagem, e eles por exemplo moram cinco, seis sete pessoas em casas muito pequenas ou kitnetes, outro fator é o fato de que o proprietário do imóvel se sente prejudicado, pois aluga o imóvel pra três pessoas, de repente tem cinco, seis sete pessoas, sendo que um ou dois trabalham no máximo.



Fonte: Cáritas Arquidiocesana de Cascavel, 9 de junho de 2017
(Foto: Carmem A. Manica).

Os produtos confeccionados pelas haitianas nos cursos de artesanato proporcionados pela Cáritas, além de serem vendidos nas festas da igreja, são vendidos nos bazares de economia solidária, que ocorrem na própria instituição, um sábado no mês no período vespertino.



Fonte: Página do Cáritas Cascavel na Rede social Facebook - 1 de outubro de 2017.

Quando se discute a inserção desta população, outro ponto que precisa ser destacado diz respeito a receptividade da população cascavelense em relação aos migrantes haitianos, já que durante a pesquisa de campo presenciamos manifestações de preconceito e xenofobia, como o caso de várias pichações de repúdio aos haitianos, como o retratado na foto a seguir de uma pichação em um estabelecimento privado no centro da cidade.



Fonte: www.cgn.uol.com.br (Foto divulgada em 26 de dezembro de 2016)

Em relação ao fluxo migratório haitiano as cidades brasileiras e as manifestações de repulsa, dois pontos devem ser analisados: o fato de serem estrangeiros e o fato de serem negros. Segundo Goffman (1982) e Bauman (1998), as relações étnicas que marcam este tipo de encontro guarda uma situação onde o outro é desconhecido, o que provoca o medo e a repulsa, podendo originar reações hostis que, por sua vez, podem causar a estigmatização. Para Florestan Fernandes (1978) as representações contra os negros são reproduções históricas. Ele afirma que:

Os estereótipos, as avaliações e as representações desfavoráveis ao “negro” encontram vias de atualização sócio-cultural graças a complexos traços culturais, sociais ou psicológicos cuja a existência e continuidade independem, na situação histórico-cultural descrita, da organização da sociedade de classes. (Fernandes 1978:341)

Dessa forma, observa-se que muitos haitianos se sentem discriminados não somente pela sua condição de migrante, mas também pela sua cor. Neste sentido, destacamos a fala do entrevistado Dykenlove John Marcelin, 22 anos, solteiro:

Foi um pouco difícil até ter um amigo pra me ajudar, mas já sofri muito por causa do preconceito, mas isso falei pra todo mundo que tem preconceito, que não adianta que eu não vou mudar minha cor, eu nasci negro e vou morrer negro. Eu sofri muito até por que eu trabalhei numa loja de sapatos, o cara não me tratava bem e daí resolvi sair da loja.

O que se percebe é o estabelecimento do estigma, do preconceito ao migrante negro, como se fossem invasores que ocuparão vagas de empregos dos supostos nativos, usufruir de serviços públicos. Nesse sentido, Cotinguiba e Pimentel atentam para o fato de que no Brasil dos últimos cinco anos já se teve a imagem de que o haitiano é pobre, sem qualificação profissional que precisa de ajuda porque migrou fugindo do terremoto e por isso deve ser acolhido, enquanto que para outros é um invasor que precisa ser expulso, pois onera os cofres públicos. (Cotinguiba e Pimentel 2014)

No campo religioso no Haiti duas religiões são predominantes ao longo da história, o cristianismo introduzido pelos colonizadores ocidentais e o vodu, que só foi reconhecido como religião no país em 2003. Neste sentido, Grondin esclarece:

O cristianismo no Haiti, católico ou protestante-praticado e difundido por estrangeiros ocidentais e mulatos em sua maioria carregados de dogmas da filosofia ocidental, instituído em escolas, colégios e hospitais, e pregando contra instituições sociais nacionais como o *plaçage* (união matrimonial sem contrato oficial.) – veiculou um novo sistema de referência que desvaloriza os costumes e as estruturas tradicionais dos haitianos não ocidentalizados, levando-se à alienação cultural e a à identificação com branco, com o estrangeiro, com o urbanos, com a elite. A religião católica, profundamente

estrangeira com relação a tudo o que é africano, apresenta-se como a religião da elite; ao ser a religião oficial e da civilização ocidental, é a religião dos brancos. Ocidental em seu conteúdo e em suas expressões rituais, transmite a ideologia de que a verdadeira civilização é a civilização ocidental, da mesma forma como se trata de transmitir a ideia de que a verdadeira língua é a francesa. A Igreja Católica no Haiti é um instrumento homogeneizante da elite e desarticulador das massas. (Grondin 1985:85)

Uma pesquisa realizada no Haiti apresenta dados de que 4.555.000 de haitianos são cristãos. Destes, 3.797.000 são católicos, 400.000 protestantes e 100.000 espíritas. (MELTON; BAUMAN, 2010, p. 1304). Durante a pesquisa de campo os entrevistados mencionaram ser católicos, evangélicos ou mesmo não praticar nenhuma religião, não havendo entre eles praticantes do vodu. Destacamos aqui a fala do Dykenlove John Marcelin, 22 anos, solteiro:

Sou evangélico, eu toco na igreja, canto também, não prego, porque não é minha função, já viajei pra Foz do Iguaçu, Toledo, Marechal Cândido Rondon e Vera Cruz do Oeste, toco quando necessitam e quando a igreja convida.

Com o contato com a Cáritas, obtivemos a informação de que ocorrem missas mensais, celebradas em *creole*, essa iniciativa é uma ação conjunta da Cáritas juntamente com a Pastoral do Migrante, ambas católicas. Nesse sentido, Rosângela Silva Ferreira, que trabalha como pedagoga na Cáritas, esclarece que:

Essa acolhida por nos enquanto Cáritas e Pastoral do Migrante, aos migrantes haitianos, em todo um processo coletivo é importante, tanto que a Pastoral agora se fortaleceu, tem um padre haitiano, o Wilnie Jean, que vem para fazer essa aproximação com o Haiti, por estar celebrando as missas em *creole*, e terem organizado um coral.



Pastoral do Migrante Arquidiocese de Cascavel-PR adicionou um evento.

1 de março · 🌐

CONVITE

A Pastoral do Migrante tem a honra de convidar para a Primeira Missa do Ano 2017 na língua Criolo haitiana.

LOCAL: Paróquia São Cristóvão, av. Brasil 3300, Cascavel/PR.

DATA: Domingo 05 de Março 2017

HORARIO: 16 h.

Contamos com a sua presença!

INVITASYON

PASTORAL IMIGRAN YO PROFITE OKASYON SA-A
POU LI INVITE-W NAN SELEBRASYON MÈS KAP FÈT
NAN LANG KRÉYÒL.

VINI PRIYE, VINI CHANTE LWANJ POU BONDYE
GRANMÈT LA.

LOKAL: PAWAS São Cristóvão, av. Brasil 3300,
Cascavel/PR

DAT: Dimanch 05 Mars 2017

A 4H NAN APRE MIDI

PA BLIYE, NOU KONTE SOU PREZANS OU!



Fonte: Página da Pastoral do Migrante arquidiocese de Cascavel/PR n Facebook- 1 de março de 2017.

Diante disso, vale ponderar alguns aspectos. Primeiramente, em um processo de migração, o sujeito ao chegar ao local de origem se depara com novas configurações religiosas, culturais, econômicas e sociais. Neste sentido, Abdelmalek Sayad, aponta para o fato de que o fenômeno da migração está relacionado a uma necessidade ou ausência, a migração caracterizada como um deslocamento físico significa de fato estar presente em um espaço, e estar ausente em outro. Configurando um fato social total, em que imigração e emigração fazem parte de um mesmo processo, envolvendo transformações na esfera social, econômica e cultural, tanto para o local de partida quanto para o de chegada. Nesse

sentido, Abdelmalek Sayad esclarece: “não se habita impunemente um outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma outra economia, em um outro mundo, em suma, sem que algo permaneça desta presença” (Abdelmalek Sayad 2000: 14).

Em outras palavras a migração e o contato com uma nova realidade, vários aspectos da vida do migrante acabam por serem impactados, resultado do contato com o novo. Para Bhabha esse encontro entre o novo e o antigo, entre o nativo e o estrangeiro, o migrante reencena, negocia e redefine sua cultura (Bhabha 1998). Sobre isso, Dantas pondera que o migrante traz consigo uma carga simbólica, mas no encontro com o outro, acaba por ter um conflito interno contínuo, que coloca em xeque o seu modo de ser (Dantas 2010).

Conforme Couto, o Vodou entre os migrantes haitianos não se evidenciou em território brasileiro:

No Brasil, o fato da comunidade haitiana ainda encontrar-se em trânsito pelo país, as características da religiosidade Vodou ainda vigoram num âmbito bastante particular da comunidade de imigrantes, embora no Brasil, eles encontrem uma referência bastante próxima ao Vodou, no Candomblé Jeje, essa interculturalidade ainda não se evidenciou. (Couto 2016:165)

Dessa forma, apesar do Vodou estar intrinsecamente ligado a cultura haitiana, os haitianos entrevistados definiram-se como católicos, evangélicos, ou mesmo não praticar nenhuma religião. Nota-se que a religião atua diretamente no processo de inserção e de formação de sociabilidades no país de destino. A prática religiosa, seja ela a mesma do país de origem ou a incorporação da religião do país de destino, tornam-se pontes de inserção social na nova sociedade, e ao mesmo tempo de continuidade de manter laços simbólicos com a o país de origem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A migração haitiana para o Brasil, a partir de 2010 tornou-se um fluxo importante no cenário atual, necessitando de novos olhares. Esta pesquisa, buscou analisar sobre novas perspectivas, perpassando da discussão comum laboral, e tentando analisar por meio das redes sociais a inserção destes migrantes no campo social, cultural e religioso.

Os impactos do fluxo migratório haitiano para o Brasil, mais especificamente para a cidade de Cascavel-Paraná, afetam tanto os migrantes haitianos, quanto os supostos nativos. O fluxo migratório empreendido pelos migrantes haitianos as cidades brasileiras tem provocado mudanças socioculturais, estruturais destas cidades e no cotidiano da população local, pois os sujeitos que migram carregam consigo todo um conjunto simbólico. O fato é que nem sempre essa recepção em território brasileiro é receptiva, tendo em vista que identificamos pichações na cidade de cunho xenofóbico. Por meio das entrevistas, os migrantes haitianos relataram sentirem-se discriminados por serem negros. No entanto, os migrantes haitianos estabelecem relações, essas relações acontecem entre os próprios haitianos, mas também com a população local, essas relações se baseiam nas redes sociais.

Na perspectiva de inserção, identificamos por meio da pesquisa de campo e as entrevistas, que as entidades religiosas, desempenham papéis importantes de articulações com a sociedade e os migrantes haitianos, com o objetivo da inserção social, cultural e religiosa. Destacamos na pesquisa a ação da Cáritas que oferece o ensino da língua portuguesa, cursos de artesanatos, momentos de venda dos produtos resultantes dos cursos, além de terem formado o Fórum dos Haitianos que buscam discutir os problemas encontrados pelos migrantes além de buscar estratégias para resolvê-las. Outra questão importante da articulação da Cáritas com a Pastoral do Migrante refere-se a organização de missas celebradas em *creole* por um padre haitiano.

O fluxo migratório haitiano é um tema complexo por apresentar-se como um fenômeno dinâmico, composto por várias alteridades e facetas. Diante disso estamos longe de ter conseguido, tratar todas as questões aqui levantadas de forma aprofundada, mas já iluminamos um caminho que buscaremos seguir no intuito de entender as diferentes sociabilidades vividas pelos haitianos em território brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, A. 2004. *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Teorema.

BAUMAN, Z. 1998. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BHABHA, Homi K. 1998. *O Local da Cultura*. Tradução: Myriam Ávila, Eliana LL Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG.

BOURDIEU, Pierre. 2010. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 10ª ed.

_____. EAGLETON, Terry. 1996. *A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista*. In: ZIZEK, Slavoj (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto.

CARDIN, Eric Gustavo. 2012. Notas para o estudo dos processos migratórios no Brasil. In: *Novas fronteiras do saber sociológico*. Silvio Antônio Colognese (Org). Porto Alegre: Evangraf.

COTINGUIBA, Geraldo Castro; PIMENTEL, Marília Lima. 2014. *Wout, raketè, fwontyè, ampil, mizè: reflexões sobre os limites da alteridade em relação à imigração haitiana para o Brasil*. Brasília: Universitas Relações Internacionais v.12, n1.p. 73-86, jan/jun.

COUTO, Kátia. 2016. Do Caribe para a Amazônia: migração fomentando a conexão entre as duas regiões. In. Silva ASSIS, Glaucia O.; SILVA, Sidney A. da. (org.) In: *Em busca do Eldorado no contexto da migrações nacionais e internacionais*. Manaus: EDUA.

DANTAS, Sylvia D. Culturas em Xequê e o Desafio Psicológico de Ser entre Dois Mundos: biculturalismo entre Brasil e Japão. In. FERREIRA, Ademir Pacelli. VAINER, Carlos. NETO Helion Póvoa. SANTOS, Miriam de Oliveira. (Orgs). 2010. *A Experiência Migrante: entre deslocamentos e reconstruções*. Rio de Janeiro: Garamond.

ELIAS, N. 1994a. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. 1994b. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar.

FERNANDES, Florestan. 1978. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática 3ª Ed.

GOFFMAN, E. 1982. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar 4ª ed.

GRONDIN, Marcelo. 1985. *Haiti: Cultura, poder e desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires; Rosana BAENINGER, Rosana. 2016. Imigração haitiana no Brasil remessas para o Haiti. In: *Imigração Haitiana no Brasil*. Jundiá: Paco Editorial.

MARANDOLA Jr., E. 2008. *Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar metropolitano*. Belo Horizonte: Caderno de Geografia, v.18, n.29, p. 39-58.

MASSEY, Douglas et al. 1990. *The social organization of migration*. In: Return to Aztlan – the social process of international migration from Western Mexico, Berkeley: University of California Press, p. 139-171.

MELTON, J. Gordon; BAUMANN, Martin (Ed.). 2010. *Religions of the World: A Comprehensive Encyclopedia of Beliefs and Practices*. Santa Barbara, CL: ABC-CLIO 2^a ed.

PEIXOTO, João. 2004. *As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-sociológicas*. Lisboa: Socius Working Papers.

PORTES, Alejandro e József BÖRÖCZ. 1989, "*Contemporary immigration: theoretical perspectives on its determinants and modes of incorporation*", *International Migration Review*, Vol. 28, Nº 3, p. 606-630.

SOUCHAUD, S.; FUSCO, W. 2009. *Uniões Exogâmicas dos migrantes bolivianos na fronteira do Brasil*. *Revista Travessia*, n. 63.

TILLY, Charles. 1990. Transplanted Networks, in YANS-Mc LAUGHLIN (ed.), Virginia, *Immigration Reconsidered*, NY, Oxford: Oxford University Press, p.79-95.